



SUPERINTENDÊNCIA
DA ZONA FRANCA DE MANAUS

www.suframa.gov.br

Clipping Local e Nacional On-line

Nesta edição 14 **matérias**

Coordenação Geral de Comunicação Social - CGCOM

Manaus, quarta-feira, 18 de janeiro de 2012

O ESTADO DE SÃO PAULO

Fabricantes de TVs podem ir à Justiça contra interatividade obrigatória 1
VEICULAÇÃO NACIONAL

FOLHA DE SÃO PAULO

Alta do dólar impulsiona faturamento da indústria 3
VEICULAÇÃO NACIONAL

VALOR ECONÔMICO

Acre inaugura ZPE para elevar a exportação de manufaturados 4
VEICULAÇÃO NACIONAL

VALOR ECONÔMICO

Dilma deve anunciar investimentos em visita a Cuba 6
VEICULAÇÃO NACIONAL

O GLOBO

Inflação e sucessão política este ano são sombras na economia chinesa 7
VEICULAÇÃO NACIONAL

O GLOBO

Brasil é 9º parceiro comercial da China 8
VEICULAÇÃO NACIONAL

UOL ÚLTIMAS NOTÍCIAS

Banco Mundial reduz crescimento global para 2,5% em 2012 9
VEICULAÇÃO NACIONAL

AGÊNCIA ESTADO

Governo avaliará impacto de medidas comerciais da Argentina, diz Pimentel 11
VEICULAÇÃO NACIONAL

AGÊNCIA ESTADO

Governo avaliará impacto de medidas comerciais da Argentina, diz Pimentel 12
VEICULAÇÃO NACIONAL

ESTADAO.COM

China desacelera no quarto trimestre, mas cresce em 2011 acima do esperado 13
VEICULAÇÃO NACIONAL

BRASIL ECONÔMICO-SP

Samsung investe US\$ 1 bi em chips e telas 14
VEICULAÇÃO NACIONAL

BRASIL ECONÔMICO-SP

CNI prevê uma recuperação lenta e gradual para indústria 15
VEICULAÇÃO NACIONAL

CORREA NETO

Superintendente da SUFRAMA reúne-se com executivos de corporação do Banco Mundial 17
VEICULAÇÃO NACIONAL

PORTAL EM TEMPO

Indústria náutica do PIM produz barcos de R\$ 1 mi 18
VEICULAÇÃO NACIONAL

	VEÍCULO O ESTADO DE SÃO PAULO		EDITORIA
	TÍTULO Fabricantes de TVs podem ir à Justiça contra interatividade obrigatória		
	ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL

Tecnologia. Governo pretende exigir, o mais rapidamente possível, que pelo menos 30% das TVs de tela fina fabricadas no País venham equipadas com o Ginga, software de interatividade da TV digital, mas empresas dizem que produto ainda está 'rateando' MÁRCIA DE CHIARA / SÃO PAULO, EDUARDO RODRIGUES / BRASÍLIA - O Estado de S.Paulo

Fabricantes de televisores estão se preparando para uma batalha jurídica contra o governo, que pretende obrigar, a partir de julho, que 30% dos aparelhos de TV de tela fina fabricados no País sejam equipados com o Ginga, o software que garante a interatividade na transmissão da TV digital.

Ontem, representantes de dez indústrias, reunidos na sede da Associação Nacional de Produtos Eletrônicos (Eletros), avaliaram a questão e chegaram a um consenso: se a opção do governo for pela inclusão do Ginga nesse prazo e nesse percentual de produtos, atrelados ao Processo Produtivo Básico (**PPB**), a única alternativa será uma contestação judicial da medida.

"Não podemos vender para o consumidor um produto que não funciona", afirma o presidente da Eletros, Lourival Kiçula. É que o teste para validar o funcionamento desse software só será concluído no dia 30 de setembro. "O Ginga ainda está rateando."

O plano proposto pela indústria é incluir o Ginga em 10% das TVs conectadas, com acesso à internet, a partir de outubro, subir esse índice para 50% em janeiro de 2013 e atingir 95% em 2014, o ano da Copa do Mundo. A proposta do governo, segundo a Eletros, seria incluir 30% do Ginga em todas as TVs de tela fina em julho, ampliar esse índice para 60% em 2013 e atingir 90% em 2014. Só que de todas as TVs.

Se a medida do governo sair dessa forma, o plano da inclusão do Ginga seria antecipado em 90 dias e para um espectro maior de produtos. No ano passado, a fatia das TVs conectadas no total produzido foi de 20%. A expectativa é de que a TV conectada tenha participação de 80% da produção de aparelhos em 2014.

Segundo Kiçula, metade das indústrias não se preparou para a adoção do Ginga porque entendeu que, pela norma

15.606 da ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas), que trata sobre a TV digital e foi acertada no âmbito do Fórum da TV digital, o software seria opcional tanto para os aparelhos como para os transmissores do sinal digital. Participam desse fórum indústrias, governo, emissoras de TV e idealizadores do software.

Outro fator de risco apontado pelos fabricantes para implantação antecipada do Ginga é o fato de que, hoje, menos da metade dos domicílios do País recebe o sinal digital.

Nas contas da Eletros, a inclusão do Ginga nos aparelhos encareceria o preço das TVs para o consumidor em R\$ 180. Além de pagar mais, ele correria o risco de não ver a interatividade funcionar. A interatividade, por exemplo, seria o consumidor, enquanto vê TV, poder ter acesso ao saldo bancário e até comprar a roupa que atriz de novela usa.

Rapidez. O governo, de fato, quer a implantação do Ginga o mais rápido possível. Fontes do alto escalão lembram que o processo já está muito atrasado, pois o programa de interatividade deveria funcionar desde o início das transmissões digitais. Em relação à data para o início da exigência, ainda que não esteja fechada, já há um consenso de que pelo menos 30% da produção de televisores deverá ser obrigada a incluir o Ginga.

Segundo essas fontes, um padrão único para a interatividade traz benefícios para os consumidores e para as transmissoras de TV, que não precisarão lidar com as plataformas diferenciadas que cada fabricante tem desenvolvido.

"A ideia é não funcionar como no setor de videogames, no qual cada console exige um CD diferente do mesmo jogo. O Ginga é como ocorre nos aparelhos de DVD, que, independentemente da marca, tocam os mesmos discos", comparou a fonte.

Na semana passada, o ministro do **Desenvolvimento, Indústria e Comércio** Exterior, Fernando **PIM**entel, aproveitou encontro com o ministro das Comunicações, Paulo Bernardo, para debater o assunto. Na ocasião, também participaram representantes do **Ministério** de Ciência e Tecnologia, que conduz as pesquisas com o Ginga.

De acordo com os fabricantes, a decisão de antecipar a incorporação do software da interatividade foi sinalizada no fim do ano passado, numa reunião que o setor teve com representantes de três **Ministérios**: Indústria e **Comércio**, Ciência e Tecnologia e Comunicações.

Laércio Cosentino, presidente da Totvs, a maior empresa brasileira de software, que já investiu mais de R\$ 25 milhões no **desenvolvimento** do Ginga para a **TV digital**,

disse ao Estado, no primeiro semestre de 2011, que estava mais do que "na hora de colocar o Ginga em prática". Procurado ontem, ele não teve disponibilidade para comentar o assunto.

	VEÍCULO FOLHA DE SÃO PAULO		EDITORIA
	TÍTULO Alta do <u>dólar</u> impulsiona faturamento da indústria		
	ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL

Câmbio valoriza exportações e faz receita do setor subir no fim do ano

Produção ainda está longe de recuperar ritmo observado antes da estagnação que sofreu no ano passado

MARIANA SCHREIBER

DE SÃO PAULO

PRISCILLA OLIVEIRA

DE BRASÍLIA

A valorização do dólar na segunda metade de 2011 aumentou os ganhos dos exportadores brasileiros e provocou forte alta do faturamento da indústria em novembro.

Segundo a CNI (Confederação Nacional da Indústria), a receita do setor manufatureiro subiu 2,2% ante outubro, já descontada a inflação, a maior alta em nove meses.

O câmbio, porém, foi apenas um fator extra a impulsionar o faturamento da indústria, observa Flávio Castelo Branco, gerente de política econômica da CNI.

A receita do setor subiu durante quase todo o ano e acumulou alta de 5,2% de janeiro a novembro de 2011. O bom desempenho contrasta com o fraqueza da produção que, segundo o IBGE, cresceu apenas 0,3% no período.

Os dados referem-se apenas à indústria da transformação, que exclui segmentos extrativos, como mineração.

Segundo Castelo Branco, a principal estratégia do setor para elevar a receita mesmo com a produção quase estagnada é o aumento do uso de insumos importados.

Entre março de 2009 e julho de 2011, o real sofreu forte valorização que permitiu que as empresas importassem

componentes mais baratos, reduzindo seus custos e elevando o faturamento.

Essa estratégia, porém, diminui o mercado das empresas fornecedoras, limitando o crescimento da produção e do emprego industriais.

"A alta da receita via aumento de importações é ruim pois prejudica a cadeia produtiva", diz Castelo Branco.

Em alguns setores, como vestuário e calçados, o faturamento acumula alta, apesar da queda da produção.

De acordo com Júlio Gomes de Almeida, do Iedi (Instituto de Estudos para o Desenvolvimento da Indústria), a recente alta do dólar não vai impedir o aumento das importações, mas deve reduzir o ritmo de expansão.

A moeda, que chegou a bater R\$ 1,56 em julho, ontem fechou em R\$ 1,78.

Apesar do bom desempenho da receita, outros números divulgados ontem pela CNI não indicam recuperação forte do setor. O emprego ficou estável em novembro, e o número de horas trabalhadas cresceu só 0,2%.

"O desempenho no final de 2011 é sofrível", diz Almeida.

Um dos fatores que devem contribuir para a retomada da indústria no ano que vem é a queda da taxa básica de juros. A expectativa é que o Banco Central reduza hoje pela quarta vez a taxa, de 11% para 10,5%.

	VEÍCULO VALOR ECONÔMICO		EDITORIA
	TÍTULO Acre inaugura ZPE para elevar a <u>exportação</u> de manufaturados		
	ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL

Comércio exterior Empresas terão de envio 80% da produção para o mercado externo

João Villaverde

O governo decidiu apostar, de fato, nas Zonas de Processamento de Exportações (ZPE) para estimular as vendas de manufaturados: em cinco dias, a ZPE do Acre deverá estar pronta para iniciar os trabalhos. A infraestrutura já está concluída, numa área de 100 hectares na pequena cidade de Senador Guimard (AC), a 22 km de Rio Branco, capital do Estado.

Na segunda-feira, ela receberá a certificação final da Receita Federal para o último passo exigido pelos fiscais: a instalação de monitoramento em vídeo. Ontem, uma das maiores companhias privadas do Peru, o Grupo Glória, de laticínios, fertilizantes e cimento, fechou seu projeto produtivo básico (PPB) para operar na ZPE do Acre.

A evolução das obras e negociações em torno da ZPE no Acre surpreendeu os técnicos do Ministério do Desenvolvimento. Fontes no Palácio do Planalto afirmaram ao Valor que a presidente está entusiasmada com a ZPE e espera ver resultados já neste ano. Para isso, a instalação das fábricas deve começar em fevereiro.

As empresas que se instalarem na ZPE deverão exportar no mínimo 80% da produção. Em troca, as fábricas não vão recolher o IPI, a Cofins e o PIS/Pasep sobre os insumos adquiridos do mercado interno, e também as partes e peças importadas estão isentas do Imposto de Importação (II) e do Adicional de Frete para Renovação da Marinha Mercante.

A ZPE vai funcionar como polo de atração de investimentos no setor manufatureiro, justamente num momento em que a indústria sofre com a rigorosa competição com os importados no Brasil e também na conquista de mercados, diz Gustavo Saboia Fontenele, secretário-executivo do Conselho Nacional das Zonas de Processamento de Exportação, formado pelos Ministérios do Desenvolvimento, Fazenda, Integração Nacional, Planejamento e Casa Civil.

A ZPE já conta com licenciamento ambiental e liberação alfandegária. No local, órgãos públicos, como Correios,

Anvisa, Caixa Econômica Federal e Ministério da Agricultura, estão em operação. Já está pronto, disse Fontenele, só falta as empresas começarem a montar suas fábricas.

O governo acreano negocia com 13 companhias a instalação de fábricas na ZPE, nas áreas de madeira, alimentos processados, carne, têxtil e frutas. Uma companhia italiana de joias já apresentou um projeto para produção de bijoias, aproveitando insumos naturais do Estado, inserido na floresta amazônica. O governo planeja plantar 3.000 mil hectares de seringueiras, que devem servir de insumo para as companhias que se instalarem na ZPE.

Além disso, a Natex, empresa pública de preservativos masculinos feitos com borracha natural, localizada em Xapuri (AC), pode abrir uma segunda unidade, para produção de luvas para cirurgias hospitalares. A fábrica já opera com capacidade máxima, diz a diretora-executiva da Natex, Dirlei Bersch, em três turnos, de domingo a domingo.

Caso concreto é o do Grupo Glória, do Peru. Empresários da companhia fizeram a última visita técnica às instalações em Senador Guimard para fechar os termos do processo produtivo básico a ser entregue aos técnicos do governo do Estado. A companhia, que também tem unidades na Argentina, Colômbia, Bolívia e Equador, vai desenvolver linhas produtivas de leite e cimento.

Um fator que acelerou as negociações com o Grupo Glória, e que serve de grande atrativo às demais empresas em negociação com o governo do Estado, é a rodovia Transoceânica, inaugurada em outubro do ano passado, que servirá para escoar a produção da ZPE para três portos no Peru, a 1,6 mil km de distância. A viagem por rodovia é 14 dias mais curta que o trajeto marítimo, por meio do Canal do Panamá.

A ZPE segue exatamente o que deseja a presidente Dilma Rousseff, disse o governador do Acre, Tião Viana (PT). Vamos ajudar as exportações da indústria e incentivar investimentos em inovação, que é o foco do programa Brasil Maior.

Os técnicos da ZPE do Acre negociam também com a multinacional americana Johnson & Johnson, que já demonstrou interesse em a fábrica instalada na Venezuela, devido ao

desgaste político com o governo do presidente Hugo Chávez. Mas os executivos da empresa querem do governo do Estado uma flexibilização das regras das ZPEs.

A Johnson & Johnson quer, segundo o governo do Estado do Acre, que até 40% da **produção** seja escoada para o **mercado** interno, e não apenas 20%, como prevê a Lei 11.508 (07/2007), que criou o marco regulatório das ZPEs. No ano passado, o ministro do **Desenvolvimento**, Fernando

Pimentel, chegou a declarar em audiências públicas ser favorável à elevação do teto de 20% para 40%.

As negociações ainda não terminaram, porque, em contrapartida, o Acre quer convencer os executivos a montar duas fábricas: uma na ZPE, seguindo as regras da zona, e outra fora, que receberia incentivos tributários para a parcela vendida internamente. Procurada pelo Valor, a empresa negou, por meio de sua assessoria, que esteja negociando.

	VEÍCULO VALOR ECONÔMICO		EDITORIA
	TÍTULO Dilma deve anunciar investimentos em visita a Cuba		
	ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL

Sergio Leo

O Brasil quer participar do ajuste no modelo econômico cubano, para abrir gradualmente o país às forças de mercado. Esse deve ser o principal tema da viagem da presidente Dilma Rousseff a Cuba, em 31 de janeiro.

Nos dois últimos dias, o ministro de Relações Exteriores, Antônio Patriota, visitou autoridades no país, com quem discutiu investimentos de centenas de milhões de dólares no porto cubano de Mariel e projetos como a aquisição de medicamentos contra o câncer e sua fabricação no Brasil, para a população de baixa renda.

Dilma tem encontro marcado com o presidente cubano, Raúl Castro, e quer encontrar-se também com o ex-presidente Fidel Castro, a quem pediu que cumprimentassem por servir de inspiração, pela luta por dignidade e resistência. Como seu antecessor, Luis Inácio Lula da Silva, Dilma não prevê encontros com dissidentes, mas seus assessores afirmam que o governo tem discutido a questão dos direitos humanos na ilha.

Segundo uma fonte do governo, Dilma seguirá a linha que orientou seu discurso na abertura da Assembleia Geral das Nações Unidas, quando disse que há violações em todos os países, sem exceção, e recomendou: Reconheçamos essa realidade e aceitemos, todos, as críticas.

Patriota esteve com Raúl Castro, mas não chegou a falar em direitos humanos. A conversa concentrou-se em projetos conjuntos dos dois países e no interesse brasileiro em firmar projetos de cooperação em educação e saúde e ocupar maior espaço na economia cubana. Dilma fala em desenvolvimento inclusivo para definir a estratégia dos projetos de cooperação com a ilha.

O setor de saúde deve ocupar uma parte importante da agenda de Dilma. Além da cooperação em matéria de tratamento de câncer, o governo brasileiro deve negociar ampliação do envio de médicos formados em Cuba ao Brasil, para, após consulta às entidades médicas brasileiras, apoiar o atendimento no Serviço Único de Saúde (SUS).

No dia 25, a Câmara de Comércio Exterior (Camex) deve decidir a liberação de uma nova parcela, de US\$ 230 milhões, do financiamento do BNDES para as obras - a cargo da Odebrecht - do porto de Mariel, um projeto de US\$ 600 milhões onde o governo local pretende instalar um polo industrial. A Odebrecht planeja iniciar no país projetos de geração de energia a partir da biomassa da cana de açúcar e outros produtos agrícolas.

Na visita de Dilma deve ser feito ainda o anúncio da abertura da fábrica de vidro da brasileira Fanavid, em associação com o governo cubano. A Fanavid deve atender o mercado local e exportar 80% de sua produção ao mercado caribenho e ao Brasil.

Entre os acordos a serem assinados há também projetos da Embrapa para produção de soja e milho em Cuba. Patriota, além do encontro com Raúl, reuniu-se com o vice-presidentes, Marino Murillo, que coordena as reformas econômicas chamadas de ajuste pelos cubanos, e com o ministro de Relações Exteriores, Ricardo Cabrisas.

A agenda de Dilma, concentrada nos temas econômicos, não exclui demonstrações de deferência à Revolução Cubana, como a deposição de flores no monumento a José Martí.

 SUPERINTENDÊNCIA DA ZONA FRANCA DE MANAUS	VEÍCULO O GLOBO		EDITORIA
	TÍTULO Inflação e sucessão política este ano são sombras na economia chinesa		
	ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL

Analistas divergem sobre taxa de expansão, que ficaria entre 8% e 10%

Ronaldo D'Ercole

SÃO PAULO. O crescimento menor do **PIB** chinês em 2011, de 9,2% ante 10,3% no ano anterior, foi recebido sem surpresas pelos economistas, uma vez que a desaceleração está em linha com as medidas de contração adotadas pelo governo para conter as ameaças de alta inflacionária - que, junto com a sucessão no Partido Comunista chinês, está entre os principais riscos para a economia do gigante. Mas as opiniões divergem quanto às perspectivas de crescimento. Para alguns analistas, com a economia mundial desacelerando, na esteira dos problemas na zona do euro, e a expansão do **mercado** doméstico ainda insuficiente para compensar a queda nas **exportações**, a tendência é que o crescimento do **PIB** chinês caminhe para um patamar próximo a 8%. Outros, entendem que o país terá de manter taxas entre 9% e 10% para sustentar a modernização econômica.

- Este ano o crescimento chinês será ligeiramente menor, pela continuidade do processo de a economia se voltar mais para o **mercado** interno. E pela mudança no comando político do país, que nunca é simples - diz Antônio Carlos Manfredini, professor da Escola de Administração e Economia da FGV de São Paulo.

O Partido Comunista chinês elegerá este ano os sucessores dos atuais ocupantes dos dois principais postos políticos do país: Hu Jintao, o presidente, e Wen Jiabao, o primeiro-ministro. Embora o fantasma de uma inflação maior tenha passado, observa Manfredini, os processos de sucessão em regimes como o chinês são sempre delicados e têm reflexos nos **mercados**.

- Não é nada dramático e será uma desaceleração suave, mantendo a China como a economia que lidera o crescimento mundial - diz ele, que prevê crescimento de 8,5% este ano.

"Crescer menos que 8% é como ficar estagnada"

Sem um **mercado** doméstico robusto o suficiente para compensar a fredda na economia global, Sérgio Vale, economista-chefe da MB Associados, estima que o **PIB** chinês

terá expansão perto de 8% a partir de agora. Nível mais que suficiente, diz, para manter a alta dos de commodities, uma boa notícia, que deve permitir ao **Brasil** sustentar a balança comercial.

- Apesar da perda de fôlego do **PIB**, ainda teremos uns quatro ou cinco anos com a China conseguindo sustentar nossa balança comercial - afirma Vale.

Com a inflação relativamente controlada e a necessidade de o país dar sequência ao processo de urbanização, conseguindo absorver a migração da população do campo para as cidades, Alex Agostini, economista-chefe da Austin Rating, considera que o governo deve empenhar-se em manter a economia num ritmo de crescimento acima de 9%, como projeta o Fundo Monetário Internacional (FMI) para os próximos três anos:

- Para a China, crescer menos de 8% é como ficar estagnada, pois a população economicamente ativa é de 250 milhões, e quase metade da população, de 1,34 bilhão de chineses, ainda vive no campo. E, para absorver a mão de obra entrante no **mercado** e a migração do campo, o crescimento terá de se manter elevado.

Risco de bolhas é menor, mas não está descartado

Os riscos do surgimento de "bolhas", por causa da expansão acelerada do crédito e de setores como o imobiliário, teriam sido reduzidos por medidas restritivas e de controle adotadas em 2011, na visão dos economistas ouvidos pelo GLOBO. Mas não estão descartados.

Agostini lembra que os temores de uma explosão da inadimplência foram dirimidos pelo aperto monetário e não há grande exposição do país a riscos nos **mercados** globais, dado o conservadorismo do governo na gestão de mais de US\$3 trilhões de reservas. Para Manfredini, as ameaças externas estão dadas e uma piora nas condições na Europa não seria tão dramática para a China. O setor bancário chinês, contudo, pode assustar os **mercados**, adverte Vale:

- Não se tem ideia real da situação dos bancos.

	VEÍCULO O GLOBO		EDITORIA
	TÍTULO Brasil é 9º parceiro comercial da China		
	ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL

**Maioria das compras chinesas é de "commodities".
Investimento no país soma US\$9 bi**

Vivian Oswald

BRASÍLIA. Diante do desaquecimento da economia mundial e do risco cada vez maior de recessão nos países desenvolvidos, a China já deixou claro que está em busca de novos mercados. A América Latina continua no topo da lista. De acordo com dados do Ministério das Relações Exteriores da China, o Brasil é o nono parceiro comercial daquele país, mas já é o primeiro do Bric (bloco que reúne Brasil, Rússia, Índia e China).

A corrente de comércio entre chineses e brasileiros deve bater novo recorde em 2011. De janeiro a novembro de 2011, segundo estatísticas chinesas, estava em US\$70 bilhões. Trata-se de um aumento de 37,4% em relação ao mesmo período do ano anterior. Desde 2009, a China é o principal comprador do Brasil e o seu segundo fornecedor.

- Investimentos mútuos devem aumentar com cooperação nas áreas de energia, mineração, finanças, eletricidade e telecomunicações. Os investimentos chineses acumulados no Brasil somam US\$9,2 bilhões - diz o vice-diretor do Departamento de América Latina da chancelaria chinesa, Li Baorong.

Estatísticas do governo brasileiro mostram que, em pouco mais de uma década, a China saltou de 12º comprador de bens do Brasil à primeira posição. Em 2000, as exportações brasileiras para aquele país somaram US\$1,08 bilhão, ou 1,97% de tudo o que o país vendeu ao exterior naquele ano. Mas, em 2010, bateram US\$30,78 bilhões, ou 15,25% do total.

Os americanos que, tradicionalmente, eram os maiores compradores de produtos brasileiros, perderam o primeiro lugar em 2009. Até 2000, o Brasil vendia aos americanos nada menos que 25% de tudo o que mandava para o exterior.

EUA são o país que mais vende para o Brasil

Os chineses também estão cada vez mais próximos dos americanos no ranking de fornecedores do Brasil. Hoje, os Estados Unidos se mantêm como o país que mais vende aos brasileiros no mundo, por apenas US\$1 bilhão de diferença. Até novembro de 2011, exportaram US\$31 bilhões para o mercado brasileiro.

Apesar de ainda manter um superávit comercial com a China, a base das exportações brasileiras é de commodities, que têm valor agregado inferior aos manufaturados que os chineses conseguem cada vez mais vender ao país. Diante do volume maior de produtos made in China no país, o Brasil vem apertando as regras de importação, criando certificações especiais para várias categorias de produtos. No entanto, a maior preocupação agora já não está limitada a como lidar com as chamadas "bugigangas", e sim com máquinas e equipamentos de última geração que os chineses estão fabricando.

- Anotamos a preocupação da presidente Dilma Rousseff em aumentar a venda de produtos brasileiros com maior valor agregado para a China. Os departamentos comerciais dos dois países estão trabalhando nisso - afirmou Li.

	VEÍCULO UOL ÚLTIMAS NOTÍCIAS		EDITORIA
	TÍTULO Banco Mundial reduz crescimento global para 2,5% em 2012		
	ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL

Alfonso Fernández.

Washington, 17 jan (EFE).- O Banco Mundial (BM) reduziu nesta terça-feira as perspectivas de crescimento global para 2,5% em 2012 e para 3,1% em 2013, sob a influência do enfraquecimento da zona do euro e o arrefecimento das economias emergentes, informou o organismo multilateral.

Em 2012, os países avançados deverão crescer 1,4%, enquanto os emergentes registrarão alta de 5,4%. As estimativas de junho de 2011 indicavam avanço de 2,7% e 6,2%, respectivamente, com crescimento mundial de 3,6% nos dois anos.

"A economia global entrou em uma fase muito difícil, caracterizada por significativos riscos e fragilidade", indica o BM.

O grande freio à economia mundial é a situação na zona do euro, onde a incerteza financeira e a intensificação da crise fiscal provocarão recessão este ano, para quando está previsto crescimento negativo de 0,3% no conjunto dos 17 países da moeda única.

No entanto, o relatório destaca que as recentes medidas implementadas na Europa, como o fortalecimento do fundo de resgate e o progresso rumo à unidade fiscal na zona do euro, conseguiram reduzir a pressão sobre a dívida soberana de países como Grécia, Itália, Espanha e França.

Apesar disso, o Banco Mundial alerta em seu relatório sobre o perigo de a crise financeira e a redução da demanda das economias avançadas se estenderem aos países emergentes, pelo que indica que a economia global pode cair em uma recessão "igual ou maior que a registrada em 2008 e 2009".

Por isso, os economistas do Banco Mundial recomendam aos países em **desenvolvimento**, diante de um cenário de descenso dos fluxos de capital e de redução dos preços das matérias-primas, que se preparem com medidas prudentes.

"A escalada da crise não deixará ninguém imune. As taxas de crescimento dos países desenvolvidos podem cair tanto ou mais que em 2008. Não podemos deixar de enfatizar a importância de haver planos de contingência", assegurou Andrew Burns, chefe do Departamento de Macroeconomia e principal autor do relatório, em entrevista coletiva por telefone.

Burns destacou que os fluxos de capital rumo a países emergentes caíram quase à metade em 2011 e que alguns dos motores da economia mundial como Rússia, **Brasil** e Índia desaceleraram seu crescimento como consequência de ajustes domésticos.

Para o BM, o principal risco agora é que, ao contrário da crise de 2008, tanto os países avançados como os emergentes "dispõem de menor espaço fiscal para oferecer uma resposta contracíclica ou para apresentar o mesmo nível de apoio às instituições financeiras com problemas".

O relatório, intitulado "Incertezas e Vulnerabilidades", destaca que o lento crescimento afeta também o **comércio** internacional, com **exportações** globais que seguem em declínio desde 2010.

Em 2010, as **exportações** mundiais de bens e serviços cresceram 12,4%, mas em 2011 registraram aumento de 6,6% e em 2012 é esperada alta de 4,7%.

Além disso, os preços mundiais das matérias-primas caíram 10,2% desde os recordes alcançados no começo de 2011, e os produtos agrícolas perderam 19%, o que tem implicações diretas para os países **exportadores**, que podem ver sua receita reduzir-se em cerca de 4% de seu **PIB**.

O diretor do Grupo de Análise do BM, Hans Timmer, assegurou que os países em **desenvolvimento** "devem encontrar financiamento antecipado para seus déficits orçamentários, dar prioridade às despesas com redes de proteção social e infraestrutura e submeter suas instituições bancárias a testes de esforço".

Por fim, outro fator que acrescenta incerteza à situação mundial são as tensões políticas no Oriente Médio, que podem alterar a provisão de petróleo internacional.

Como elemento positivo, o organismo multilateral ressalta o apoio ao crescimento nos EUA e no Japão desde a intensificação da incerteza em agosto de 2011, mas

adverte sobre os desafios dos dois países a médio prazo devido a seus elevados déficits e níveis de endividamento.

	VEÍCULO AGÊNCIA ESTADO		EDITORIA
	TÍTULO Governo avaliará impacto de medidas comerciais da Argentina, diz <u>PIM</u>entel		
	ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL

Em entrevista à Dow Jones, o ministro do **Desenvolvimento** manifestou descontentamento com as restrições cada vez maiores da Argentina ao **comércio**

"A Argentina tem sido um problema permanente. Temos boas relações políticas, mas, economicamente, é difícil lidar com eles", afirmou

Nova York - O ministro de **Desenvolvimento, Indústria e Comércio** Exterior, Fernando **PIM**entel, disse que o **Brasil** vai avaliar o impacto das novas normas comercial da Argentina. Em entrevista à Dow Jones, **PIM**entel manifestou descontentamento com as restrições cada vez maiores da Argentina ao **comércio**.

"A Argentina tem sido um problema permanente. Temos boas relações políticas, mas, economicamente, é difícil lidar com eles", afirmou o ministro.

A partir de fevereiro, os **importa**dores argentinos terão de obter aprovação prévia da autoridade tributária do país antes de fazer qualquer compra no exterior. A presidente

Cristina Kirchner, que iniciou seu segundo mandato no mês passado, assinou uma série de medidas protecionistas, entre elas a expansão da lista de produtos sujeitos ao demorado procedimento de licenciamento prévio para **importa**ção, bloqueios informais à **importa**ção de uma série de produtos, de bonecas Barbie a queijos franceses, e a obrigação de que as empresas equiparem suas **importa**ções com **exporta**ções de igual valor.

"Temos um superávit comercial de cerca de US\$ 6 bilhões com a Argentina. Eles têm superávits com o resto do mundo, mas não com o Brasil", disse **PIM**entel. Ele acrescentou que não tentará negociar com o governo argentino até que as novas medidas entrem em vigor.

	VEÍCULO AGÊNCIA ESTADO		EDITORIA
	TÍTULO Governo avaliará impacto de medidas comerciais da Argentina, diz Pimentel		
	ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL

Em entrevista à Dow Jones, o ministro do Desenvolvimento manifestou descontentamento com as restrições cada vez maiores da Argentina ao comércio

O Banco Central da Argentina projeta para este ano um superávit comercial de US\$ 8,9 bilhões. Investidores têm tirado dinheiro da Argentina, por causa do temor de que o governo desvalorize o peso a um ritmo mais forte, para ajudar os exportadores. Segundo Pimentel, caso isso aconteça, não será um problema para o Brasil, tendo em vista o tamanho do superávit comercial do País com a Argentina.

Sobre medidas em estudo pelo governo do Brasil para estimular as exportações de produtos industrializados, Pimentel disse que a ideia é oferecer novos instrumentos de crédito que permitam aos exportadores brasileiros conquistar fatias maiores de mercados na África e mesmo em países latino-americanos onde há uma concorrência intensa por parte de produtos chineses.

O ministro também disse que as "guerras cambiais" "ainda estão vivas", à medida que a China continua a controlar rigidamente sua moeda e depois de meses de relaxamento quantitativo da política monetária dos EUA. Para Pimentel, a política cambial da China, que estabelece diariamente uma banda de negociação para o yuan, provoca instabilidade no mercado global de moedas. Ele acrescentou que a China não administra sua moeda "de uma maneira transparente".

Pimentel afirmou ainda que o Brasil provavelmente não seguirá o mesmo caminho da China, porque "desvalorizar sistematicamente uma moeda não é maneira de prosperar".

 SUPERINTENDÊNCIA DA ZONA FRANCA DE MANAUS	VEÍCULO ESTADAO.COM		EDITORIA
	TÍTULO China desacelera no quarto trimestre, mas cresce em 2011 acima do esperado		
	ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL

**CLÁUDIA TREVISAN , CORRESPONDENTE / PEQUIM -
O Estado de S.Paulo**

O crescimento chinês desacelerou para 8,9% no último trimestre de 2011 e fechou o ano em 9,2%, mesmo índice de 2009, auge da crise global. A redução no ritmo de expansão da segunda maior economia do mundo deverá continuar nos próximos meses, com dificuldades no setor externo e enfraquecimento da construção, dois dos pilares do **PIB**.

Ainda assim, a alta superou as expectativas e levou otimismo ao **mercado** global. O Índice Bovespa, por exemplo, alcançou ontem o maior nível em seis meses, aos 60.645 pontos. A maioria dos analistas acredita que o governo conseguiu um "pouso suave" em 2011, com redução da inflação e manutenção do crescimento em níveis relativamente altos.

Mas há cada vez mais dúvidas quanto ao desempenho em 2012. "Ainda há dores consideráveis pela frente", escreveu o economista-chefe do Standard Chartered na China, Stephen Green.

Entre os principais fatores que levaram à desaceleração do **PIB** está o início da correção no setor imobiliário, com encolhimento dos investimentos e das vendas. "O investimento em residências atingiu o mais baixo nível de expansão em 30 meses, de 10,8% em dezembro e 19,6% no quarto trimestre, comparado a 35,7% nos primeiros três trimestres de 2011", ressaltou Green.

Integrante do time dos pessimistas em relação à China, o professor da Universidade Tsinghua Patrick Chovanec acredita que a atividade de construção experimenta "severo declínio", que se manifesta na queda na **produção** de aço e cimento e na redução da receita com a venda de terras pelos governos locais. Ele estima que o segmento representa 20% a

25% do **PIB** chinês e sua desaceleração pode ter impactos negativos diretos e indiretos sobre a economia.

A fabricação de aço sofreu em novembro a sexta retração mensal seguida, o que afeta o preço e a demanda por minério de ferro, principal produto **exportado** pelo Brasil, que tem na China seu maior cliente. Outro problema é o efeito da queda na venda de terras a empreendedores imobiliários sobre os governos locais.

Mesmo os otimistas, como Wang Tao, do UBS, esperam maior redução das **exportações** e da construção, o que eleva as incertezas para 2012. Mas ela espera que o governo adote uma política mais agressiva de apoio ao crescimento, com o relaxamento do aperto monetário adotado de 2010 para cá.

O porta-voz do Escritório Nacional de Estatísticas, Ma Jiantang, disse que o "cenário ideal" para o governo este ano é um crescimento de 8,5% a 9,0%, acompanhado de estabilidade de preços e avanços na reestruturação da economia, com elevação do peso do consumo no **PIB**.

Segundo ele, o menor ritmo de crescimento nos últimos trimestres é desejável e "consistente" com as políticas adotadas para combater a inflação, que chegou a 6,5% em julho, a maior em três anos. Em 2011, atingiu 5,4%.

	VEÍCULO BRASIL ECONÔMICO-SP		EDITORIA
	TÍTULO Samsung investe US\$ 1 bi em chips e telas		
	ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL

Valor de investimento neste ano diferencia a companhia das demais concorrentes

O Samsung Group, que inclui a Samsung Electronics, anunciou que está elevando os investimentos de 2012 para um recorde de US\$ 41,4 bilhões, aumentando a distância entre o conglomerado sul-coreano e os concorrentes.

Conhecida por fazer investimentos em novas tecnologias antes de rivais, a Samsung agora está investindo em chips lógicos (que também processam e não só armazenam informações) e telas OLED para repetir o grande sucesso nos chips de memória flash, chips de memória para computadores e telas LCD. O Samsung Group não detalhou os 47,8 trilhões

de won de investimento, mas analistas previram que aumentará os gastos em chips para aparelhos móveis e telas OLED.

"A Samsung tem grande fluxo de caixa para apostar forte em novas tecnologias", disse o analista Lee Sun-tae, da NH Investment & Securities. "Nenhuma outra companhia de tecnologia da informação pode superá-la em termos de investimento e é assim que a Samsung encontra novas fontes de receita antes dos concorrentes e aumenta o fosso entre eles", acrescentou. Reuters

	VEÍCULO BRASIL ECONÔMICO-SP		EDITORIA
	TÍTULO CNI prevê uma recuperação lenta e gradual para indústria		
	ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL

Desempenho do setor melhorou no fim de 2011, mas ainda não reflete medidas de incentivo do governo

Ruy Barata Neto

A indústria nacional conviverá com fracos índices de desempenho pelo menos até o fim do primeiro trimestre deste ano, segundo avaliação da Confederação Nacional da Indústria (CNI).

Amparada nos resultados apurados até novembro do ano passado, a entidade prevê que a recuperação do cenário sombrio de desaceleração no ritmo da atividade, observada ao longo do segundo semestre de 2011, acontecerá de forma lenta e gradual ao longo de 2012.

O motivo é que as medidas tomadas pelo **Governo Federal**, no ano passado, para dar novo fôlego à atividade econômica, ainda não surtiram efeitos substanciais para o conjunto da indústria de transformação. “Os indicadores de novembro mostram que houve uma interrupção dos resultados negativos da indústria, mas ainda é prematuro dizer que se trata de uma recuperação efetiva”, afirma o chefe do Departamento Econômico da CNI, Flávio Castelo Branco.

Um dos dados notáveis é o de utilização da capacidade instalada (UCI).

A indústria operou com média de 81,5% da UCI em novembro, excluindo efeitos de sazonalidade, 0,1 ponto percentual acima do mês anterior.

Por outro lado, o resultado estancou um ritmo de declínio do indicador que vinha sendo registrado desde setembro do ano passado.

Ainda assim, esse número é pouco para demonstrar recuperação efetiva, uma vez que ficou 1,2 ponto percentual abaixo do resultado verificado em novembro de 2010, quando o índice trazia um efeito contrário, em razão da preocupação com as ameaças inflacionárias.

A avaliação de uma recuperação tímida da indústria chamou a atenção por não acompanhar o ritmo do Índice de Atividade Econômica (o IBC-Br) do Banco Central, que serve como uma prévia para os dados do Produto Interno Bruto (**PIB**).

O indicador demonstrou uma forte recuperação da economia, conforme já vinha sendo esperado como resultado dos efeitos das medidas macroeconômicas tomadas pelo **Governo Federal** no ano passado.

Segundo o economista da CNI, Marcelo Dávila, a explicação é de que o indicador do BC trabalha com dados consolidados de diferentes setores da economia, reunindo **comércio** e serviços, que podem ter tido uma recuperação melhor que a indústria.

Atraso

Segundo Castelo Branco, os resultados da indústria poderiam aparecer mais fortes em novembro, apontando para uma recuperação efetiva no primeiro trimestre do ano, caso o conjunto de medidas no âmbito do **Brasil** Maior tivessem começado a ser implementadas ainda no final do primeiro semestre de 2011. “Toda medida de estímulo econômico que envolve carga tributária demora para ser implementada no Brasil. Talvez, se as ações tivessem começado antes, os resultados poderiam ser mais expressivos”, afirma.

Mesmo assim, ainda que todas as medidas tomadas pelo governo não tenham sido maturadas o suficiente para aparecerem nos resultados de novembro, o anúncio dessas ações refletiram na interrupção dos resultados negativos.

As horas trabalhadas, por exemplo, cresceram em novembro, mas em ritmo menor: 0,2% em relação ao mês imediatamente anterior.

Já o emprego ficou estabilizado no mesmo patamar de outubro, na medição dessazonalizada, em novembro.

Faturamento

Contribui para isso a manutenção dos efeitos da crise econômica internacional.

Na avaliação da CNI, o ritmo elevado das **importações** no Brasil, pela atratividade do **mercado** consumidor, mantêm-se como a pedra no sapato da indústria.

É o que explica o fato de o resultado no faturamento da indústria caminhar em ritmo oposto.

Em dados de novembro, o faturamento real da indústria de transformação cresceu 2,2%, resultado dessazonalizado, quando comparado a outubro do mesmo ano.

Trata-se do sexto mês seguido de alta em 2011.

Comparado com novembro de 2010, a alta foi de 4,6%, e se avaliado pelo acumulado de janeiro e novembro a variação chega a 5,6% comparado com o mesmo período de

2010. “A indústria tem lucrado com a importação de produtos semi-acabados que abastecem os estoques do comércio”, afirma Castelo Branco. “Existe um excesso de oferta no cenário internacional e o mercado brasileiro é bastante atrativo.”

	VEÍCULO CORREA NETO		EDITORIA
	TÍTULO Superintendente da <u>SUFRAMA</u> reúne-se com executivos de corporação do Banco Mundial		
	ORIGEM PRESS-RELEASE DA ASSESSORIA DE IMPRENSA	ENFOQUE POSITIVO	VEICULAÇÃO NACIONAL

O Superintendente da Zona Franca de Manaus, Thomaz Nogueira, reuniu-se na manhã desta terça-feira (17), na sede da SUFRAMA, com dois representantes da Corporação Financeira Internacional (IFC, na sigla em inglês), unidade do Grupo Banco Mundial que atua no oferecimento de empréstimos, capital, produtos para gestão de riscos, financiamentos e serviços de consultoria para a iniciativa privada nos países em desenvolvimento.

O objetivo do encontro foi aproximar as relações entre a autarquia e a IFC e abrir um canal de cooperação para que a corporação internacional venha a fortalecer sua atuação na Região Norte e, mais especificamente, na Zona Franca de Manaus.

Durante o encontro, os representantes da IFC, Luis Antonio Funcia (oficial sênior) e Juan Pablo Perzan (consultor), disseram que a intenção da corporação, fundada em 1956 e presente há mais de 40 anos no Brasil, é ampliar o volume de negócios no Norte do país, sobretudo em projetos da iniciativa privada vinculados às áreas de preservação de recursos naturais, recursos energéticos, logística, água e saneamento, entre outras. Eles explicaram também que os recursos são direcionados preferencialmente a empresas de médio porte (faturamento entre R\$ 20 e R\$ 200 milhões) com constituição e poder de decisão na própria região. “Investimos cerca de US\$ 2 bilhões por ano no Brasil em praticamente todos os setores produtivos e, nos últimos anos, temos buscado focar nossos negócios nas regiões Norte e Nordeste, agora mais no Norte, tendo em vista que grande parte das empresas apoiadas no eixo Sul/Sudeste já tem sua vida razoavelmente encaminhada”, disse Funcia. “Queremos conhecer melhor a região e abrir as portas para as empresas do setor privado daqui. Não podíamos deixar de estar com a SUFRAMA que é

das instituições federais de maior relevância no Norte como um todo”, complementou.

De acordo com o Superintendente da SUFRAMA, Thomaz Nogueira, a ação da IFC pode ser muito importante para o desenvolvimento das empresas instaladas na região. “A economia regional é muito dinâmica e conta com diversos segmentos que podem ter acesso a esses recursos, ligados tanto à área industrial quanto às áreas que não são diretamente dependentes dos incentivos fiscais especiais, como logística e aproveitamento de recursos naturais e minerais”, disse Nogueira. “No caso específico do Amazonas, indicamos como possíveis destinatários desses recursos os segmentos da construção naval, oleiro, termoplástico, logística e de produtos regionais, destacando também as potencialidades do Interior do Estado, com foco nas empresas de menor estrutura e com carência de capital que estão se estabelecendo”, completou.

Ele disse ainda que pedirá aos técnicos da SUFRAMA que repassem informações mais detalhadas sobre a economia regional à IFC, a fim de auxiliar na identificação dos segmentos mais compatíveis à missão da corporação para destinação dos investimentos. “Assim a corporação poderá ter uma noção das oportunidades, desafios e do que pode ser feito na região para ajudar as empresas”, disse Nogueira.

No próximo dia 24 de janeiro, o diretor da IFC para a América Latina estará em Manaus, ocasião na qual deverá ser realizada uma nova reunião entre as partes, desta vez com a participação possivelmente da Secretaria de Estado do Planejamento (Seplan) e de outras instituições públicas e privadas.

Diego Queiroz

	VEÍCULO PORTAL EM TEMPO		EDITORIA
	TÍTULO Indústria náutica do <u>PIM</u> produz barcos de R\$ 1 mi		
	ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL

Indústrias náuticas têm se instalado no Polo Industrial de Manaus (PIM) com a intenção de marcar território no mercado brasileiro do segmento, para atender não só o público local, mas principalmente, o de outros Estados.

O sonho de navegar pelos rios da Amazônia com o mesmo conforto do próprio lar tem aumentado a demanda dos manauenses por barcos de luxo.

Para atender não só o público local, mas principalmente, o de outros Estados, indústrias náuticas têm se instalado no Polo Industrial de Manaus (PIM) com a intenção de marcar território no mercado brasileiro do segmento.

Com modelos luxuosos que podem chegar a R\$ 1 milhão, as empresas suprem a procura nacional muito mais do que a local. “As indústrias não produzem para vender no mercado local. O grande foco é no mercado paulista, do Sul e Sudeste”, revelou o presidente do Sindicato da Indústria da Construção Naval (Sindnaval), Matheus Araújo.

Manaus tem, atualmente, apenas duas fabricantes de embarcações de alto luxo, a Ventura Mar e a Cruiser Marine.

Oriundas de países europeus como a Itália, as empresas chegam ao PIM com baixa produção e, já nos

primeiros anos, estudam a demanda do mercado brasileiro para aumentar a fabricação aos poucos.

O exemplo pode ser confirmado pela Cruiser Marine, montadora local de produtos com qualidade italiana. A companhia é a única representante da Cranchi fora da Itália. Instalada no PIM há quatro anos, a indústria só começou a produzir em 2011, quando foram fabricadas 12 unidades do Smerald 40, de 12 metros de comprimento.

É que, com os atuais 80 funcionários da linha de produção, são necessários 30 dias para produzir cada uma dessas embarcações. Mas, de acordo com o consultor comercial e industrial da companhia, Franco Netto, a estimativa da empresa é de contratar aproximadamente 40 trabalhadores até o final do ano.

A idéia é aumentar a produção em mais de 100% e fabricar 28 unidades em 2012, entre o Smerald e dois novos modelos.

Fonte: Portal Em Tempo.